

Universidade de São Paulo
Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas
Departamento de Astronomia

Ana Clara Bezerra Saraiva Sá

**“De que matéria bruta vem essa luz?”:
a passagem do Cometa Halley e os impactos
na literatura do início do século XX**

São Paulo

2019

Ana Clara Bezerra Saraiva Sá

**“De que matéria bruta vem essa luz?”:
a passagem do Cometa Halley e os impactos
na literatura do início do século XX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências
Atmosféricas da Universidade de São Paulo
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharel em Astronomia.

Vertente: Ensino e Divulgação Científica

Orientadoras:

Prof.^a Dr.^a Jane Cristina Gregorio-Hetem (IAG/USP);

Prof.^a Dr.^a Fabiana Buitor Carelli (FFLCH/USP)

São Paulo

2019

Aos meus irmãos Rebeca, Victor e Igor

Agradecimentos

A Deus e a Meishu-sama, que me guiaram pela jornada até aqui;

Aos meus antepassados, que fazem parte de mim;

Aos meus pais, que acreditaram;

Ao meu padrinho, William, por trazer o Mundo de Cecília até mim;

A toda a minha família, que aguentou a saudade;

Às minhas orientadoras Prof^a Jane e Prof^a Fabiana, pelo enorme apoio nesta empreitada;

A todos os meus amigos, de São Paulo e de Fortaleza, que foram meu suporte nas vezes em que não pude estar perto da família;

À Universidade de São Paulo e ao Colégio Antares, pela formação acadêmica e pessoal que me trouxe até este momento;

E a todo o povo brasileiro, que financia e sustenta a pesquisa pública, tão ameaçada, mas tão necessária para a nossa construção como país. Essa monografia pertence a vocês.

“Os livros eram só um tipo de receptáculo onde armazenávamos muitas coisas que receávamos esquecer. Não há neles nada de mágico. A magia está apenas no que os livros dizem, no modo como confeccionavam um traje para nós a partir de retalhos do Universo.”

Ray Bradbury, “Fahrenheit 451”

“Today, we know that the Earth is merely an average planet, circling a middle-aged star in an unremarkable galaxy. But we can be proud of one achievement: that our planet has developed a life-form so inspired by the jewel-studded sky that we can gaze out into the Universe – and question what it all means.”

Heather Couper e Nigel Henbest, “The Story of Astronomy”

Resumo

Dentre os eventos astronômicos do último século, o Cometa Halley foi um dos que receberam mais destaque dentro da opinião pública. Sendo um evento geracional, o Cometa perpassa o início e o final do século XX, com todas as suas mudanças históricas tão significativas e importantes para a humanidade. Nesse contexto, o presente trabalho objetiva avaliar o impacto de sua passagem pelo periélio em 1910 na Literatura, que se encaminhava de modo a culminar na Semana da Arte Moderna no Brasil em 1922, com enfoque nos trabalhos de Augusto dos Anjos e de Lima Barreto.

Abstract

Among last century's astronomical events, the Halley comet was certainly a remarkable one to the public opinion. Being a generational event, the Halley saw both the dawn and the end of the 20th century, and all its historical transitions which were so significant to humanity. In this framework, the objective of this study is to evaluate the impact of its first perihelion in the 20th century, May 1910, on the ongoing Brazilian Literature – focusing in Augusto dos Anjos and Lima Barreto –, reaching its peak by the time of Brazil's Modern Art Week in 1922.

Lista de Figuras

1.1	Excerto da Tapeçaria de Bayeux em que foi registrada a passagem do Cometa Halley, bordado no canto superior direito da imagem. Imagem de Domínio Público.	20
1.2	Cartum publicado revista <i>Fon-Fon!</i> nº 20, em 14 de maio de 1910.	21
2.1	Gráfico representativo da porcentagem de autores de Brasil e de Portugal vivos durante a passagem do Cometa Halley em 1910 dividido por país, de acordo com Bosi (1994) e Saraiva e Lopes (1996).	24
2.2	Gráfico representativo da porcentagem de autores de Brasil e de Portugal vivos durante a passagem do Cometa Halley em 1910 dividido por período literário, de acordo com Bosi (1994) e Saraiva e Lopes (1996).	24
2.3	Gráfico representativo da porcentagem de autores selecionados dividido por país.	25
2.4	Gráfico representativo da porcentagem de autores selecionados dividido por período literário.	25

Lista de Tabelas

A.1	Tabela com a lista completa de autores vivos em 1910 conforme a pesquisa bibliográfica.	45
A.2	Tabela com a lista de autores selecionados para pesquisa bibliográfica. . . .	50

Sumário

1. <i>Introdução</i>	19
2. <i>Metodologia</i>	23
2.1 Seleção do <i>Corpus Literário</i>	23
2.2 Estudo dirigido de Análise Literária	26
2.2.1 Análise do poema <i>A Ideia</i>	26
2.3 Subdivisão dos grupos de análise	27
2.3.1 Menção científica	27
2.3.2 Menção empírica	28
2.3.3 Menção mística	28
2.4 Recorte analítico final	29
3. <i>Análise</i>	31
3.1 Poesia de Augusto dos Anjos	31
3.1.1 Ciclo da Ideia	32
3.1.2 Ciclo do Visionário	34
3.1.3 Poemas Avulsos	36
3.2 Prosa de Lima Barreto	37
4. <i>Conclusão e Perspectivas</i>	39
<i>Referências</i>	41

<i>Apêndice</i>	43
A. <i>Lista de Autores</i>	45
A.1 Lista de Autores Vivos em 1910	45
A.2 Lista de Autores Seleccionados	50
B. <i>Poema</i>	53
A Ideia	53

Introdução

Desde que o ser humano voltou seu olhar para o céu, o seu imaginário tem sido povoado por tudo o que pertence a esse cosmo desconhecido. Esta característica da Ciência foi trazida ao longo dos anos até o presente, onde eventos como eclipses e meteoros (“estrelas cadentes”) inundam não apenas o imaginário, mas também as expressões deste no meio artístico.

Dentre os eventos mais significativos, um dos mais recentes foi a passagem do cometa Halley. Apresentando um período orbital de aproximadamente 76 anos, suas duas passagens mais recentes visíveis da Terra, em 1910 e em 1986, afloraram discussões dentro e fora do meio científico, impactando a sociedade em toda a sua amplitude.

Cometas são caracterizados por serem objetos transnetunianos (e, em sua maioria, originários da Nuvem de Oort) compostos por gelo e poeira, e por apresentarem períodos orbitais muito longos marcados por suas órbitas extremamente excêntricas. Sua cauda se deve ao fato de que, ao se aproximar do Sol, o cometa tem seu gelo sublimado, formando uma grande nuvem de gás e poeira ao seu redor, chamada coma (Oliveira Filho e Saraiva, 2004). A palavra “cometa”, por sua vez, deriva do grego *Komes*, que significa cabeleira, e associa-se ao longo rastro de luz deixado pelo objeto no céu noturno. Isso garante que suas passagens sejam recebidas com muito assombro por parte da população em todas as épocas da história, uma vez que causam mudanças significativas no familiar céu noturno.

O cometa Halley tem registros de suas aparições datados desde os gregos. No período da Idade Média, uma importante passagem se deu em 1066, quando foi considerado um presságio para a Batalha de Hastings, sendo registrado na Tapeçaria de Bayeux (vide a Figura 1.1); mas seu período só foi determinado pela primeira vez por Edmond Halley (1656 – 1742) no século XVIII. Por muito tempo pensou-se, inclusive, que os cometas

eram uma manifestação atmosférica, e foi apenas com Tycho Brahe que a paralaxe foi determinada e foi possível afirmar que eram objetos que estavam a uma distância além da Lua (Lancaster-Brown, 1985).



Figura 1.1: Excerto da Tapeçaria de Bayeux em que foi registrada a passagem do Cometa Halley, bordado no canto superior direito da imagem. Imagem de Domínio Público.

A passagem de 1910 do Cometa Halley foi marcada por um especial espanto da população mundial. Na época, havia-se começado a estudar a composição química das caudas desses objetos e verificou-se a presença de gás de nitreto de carbono, um gás tóxico para os seres humanos. Sob a forte crença de que o gás se difundiria na atmosfera e intoxicaria a todos, muitos indivíduos acreditaram que a sua passagem era o prenúncio do apocalipse, sendo, inclusive um nicho aproveitado pelo mercado, ao vender máscaras contra gases tóxicos para os consumidores aterrorizados. Além disso, em 1910 o Cometa teve uma passagem pelo periélio coincidindo com uma maior proximidade da Terra tornando-o muito brilhante e visível a olho nu, o que não foi tão demarcado na passagem de 1986.

Em muitos aspectos, o impacto de eventos astronômicos no imaginário das pessoas segue significativo no âmbito das manifestações culturais existentes. Desde obras mundialmente conhecidas na literatura, como o livro infantil “O Pequeno Príncipe”, publicado na década de 50, até cartuns do início do século XX, como mostrado na Figura 1.2, além de



Figura 1.2: Cartum publicado revista *Fon-Fon!* n° 20, em 14 de maio de 1910.

manifestações mais recentes, como as referências a passagens de cometas e eclipses solares e lunares na animação “Avatar: a Lenda de Aang”, da segunda metade dos anos 2000, e músicas como “Lindo Balão Azul” do compositor Guilherme Arantes; tem-se a temática astronômica recorrente em diversas formas de manifestações culturais. Dentro desse contexto de impacto científico e social tão grande, o Cometa tem sua passagem em um momento de florescimento cultural nos anos que antecedem a Primeira Guerra Mundial, no auge do que, em retrospecto, nomeou-se os Anos de Ouro.

O período compreendido entre 1902 e 1922 é conhecido como *Belle Époque* da literatura brasileira, uma vez que abarca um misto de referências com poucos autores realmente inovadores nesse período. Também chamada de Pré-Modernismo, é um período conhecido por ter muitas de suas principais características “emprestadas” dos movimentos europeus, com destaque especial aos modismos existentes na França da virada do século (Duarte Neto, 1997). No Brasil, a *Belle Époque* também traz a sua roupagem apoiada nos ciclos da borracha e no crescimento da indústria cafeeira, o que, ao mesmo tempo, trazia prosperidade para as regiões Norte e Sudeste do país e provocava o declínio do já moribundo núcleo

da cana-de-açúcar Nordestino. É um período que desvela, também, diversas contradições de uma República recém-proclamada associada a um país com hegemonia de pensamento ainda patriarcal e escravista (Ribeiro, 1995).

No contexto português, temos em 1910 uma sociedade que caminha a passos largos para a mudança de seu contexto social, o que vai ocorrer em outubro deste ano, com a Proclamação da República Portuguesa. Já com uma monarquia muito desgastada, Portugal é o único país europeu a ter mudanças muito significativas em seu modelo de governo na tão aclamada Era de Ouro. Neste período, temos a demarcação de uma literatura bastante nacionalista, como por exemplo o livro *Mensagem*, do ortônimo de Fernando Pessoa, que viria a ser publicado em 1934. O impacto das mudanças políticas em um país que já havia sido considerado uma das grandes potências comerciais no modelo mercantilista e um dos maiores impérios do mundo reflete de maneira muito perceptível em sua literatura, como por exemplo em uma das “Anotações” finais de Guerra Junqueiro:

Nesta agudíssima crise nacional a república é mais do que uma simples forma de governo. É o último esforço, a última energia, que uma nação moribunda opõe à morte. Viva a República! é hoje sinônimo de Viva Portugal! (Junqueiro G., s/d)

Alfredo Bosi fala no prefácio da obra “O Ser e o Tempo da Poesia” (Bosi et al., 2000) que quando se exclui a historicidade da análise em teoria do poema, reduz-se o poema a uma série de fonemas da qual teria surgido aleatoriamente o seu sentido. Assim, não podemos excluir da análise dos trabalhos o impacto que eventos históricos e sociais de cada país têm em suas obras poéticas. Bosi diz que “o leitor sensível ao poema pressente que cada face de poliedro já não será mais *face-de-poliedro* se for cortada e separada da figura múltipla e una que ela integra”.

É nesse sentido que será abordada a metodologia e a análise do presente trabalho. De modo a verificar com clareza o impacto da passagem do cometa Halley na literatura do século XX precisamos, primeiramente, entender cada um dos autores dentro de seu próprio universo literário e a forma como a passagem do Cometa repercutiu em sua visão de mundo e, conseqüentemente, em sua literatura.

Metodologia

2.1 Seleção do Corpus Literário

Para um primeiro momento do projeto, o objetivo foi a montagem de um *corpus literário*¹ para a primeira passagem do cometa Halley no século XX, no ano de 1910. Dentro do recorte de obras produzidas em língua portuguesa, o enfoque foi dado às literaturas do Brasil e de Portugal.

Foram separados autores nascidos até 1895, estimando que o início de sua obra literária (tanto em termos de juvenília quanto a própria obra madura do autor) fosse dada a partir dos 15 anos de idade. Para isto, utilizou-se como fonte os livros “História concisa da literatura brasileira”, de Alfredo Bosi (Bosi, 1994), e “História da literatura portuguesa”, de Antônio José Saraiva (Saraiva e Lopes, 1996), selecionando-se os principais autores de cada período, todos pertencentes ao cânone das literaturas brasileira e portuguesa. Foram separados mais de 80 autores que estavam vivos durante a passagem do Cometa Halley (a lista encontra-se no Apêndice A.1) e, dentre estes, foram selecionados 43 dos mais conhecidos para análise minuciosa da obra e as edições do ano de 1910 da Revista “Fon-Fon!”², revista literária brasileira da virada do século. A lista completa de autores selecionados, com seus respectivos anos de nascimento e morte e país de origem encontra-se no Apêndice A.2. Para visualização, foram separados os autores em gráficos de porcentagem com os países e com seus respectivos períodos literários, como mostrado nas Figuras 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4.

¹ *Corpus Literário* trata-se de tudo que se refere a obra literária, o texto e suas implicações a partir da tríade: obra, autor e leitor.

² Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1910/fonfon_1910.htm. Acessado em 13/09/2018.

Autores Vivos em 1910

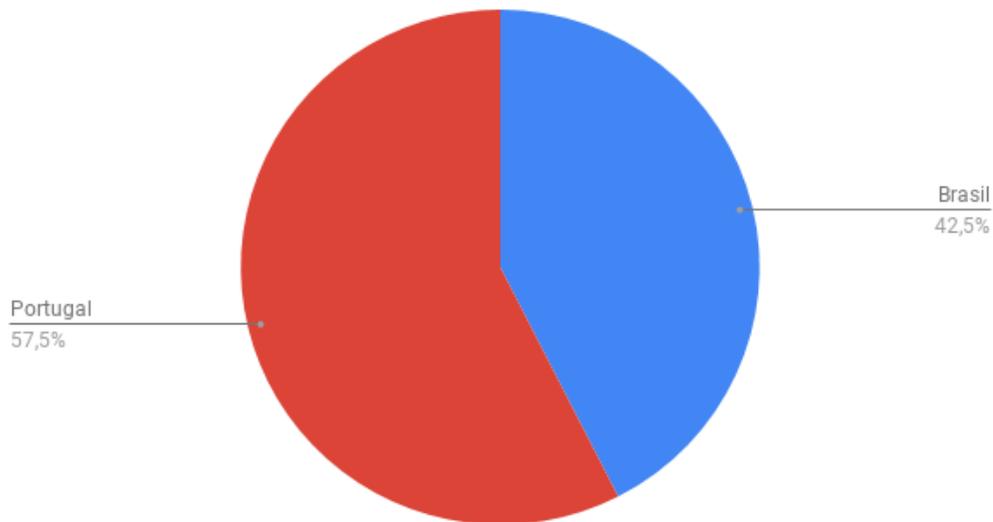


Figura 2.1: Gráfico representativo da porcentagem de autores de Brasil e de Portugal vivos durante a passagem do Cometa Halley em 1910 dividido por país, de acordo com Bosi (1994) e Saraiva e Lopes (1996).

Período Literário

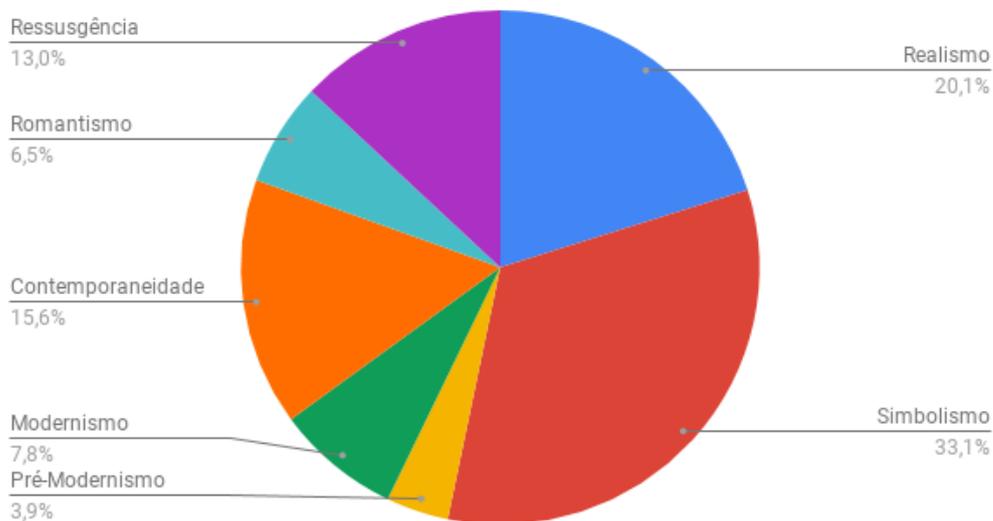


Figura 2.2: Gráfico representativo da porcentagem de autores de Brasil e de Portugal vivos durante a passagem do Cometa Halley em 1910 dividido por período literário, de acordo com Bosi (1994) e Saraiva e Lopes (1996).

Em termos de produção escrita, o recorte temporal utilizado foi de textos produzidos entre 1910 e 1912 (podendo ter sido editados até 10 anos depois) a fim de que se pudesse afirmar com alguma segurança a relação com a passagem do Cometa.

Para referências bibliográficas, foi majoritariamente utilizado o acervo da Biblioteca Florestan Fernandes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH – USP), além da Biblioteca Pública Municipal Sérgio Milliet, do Centro Cultural de São Paulo, ambas localizadas na cidade de São Paulo. Para a pesquisa das edições da Revista “Fon-Fon!”, utilizou-se o acervo digital disponibilizado pela Hemeroteca Digital Brasileira,

Autores Seleccionados

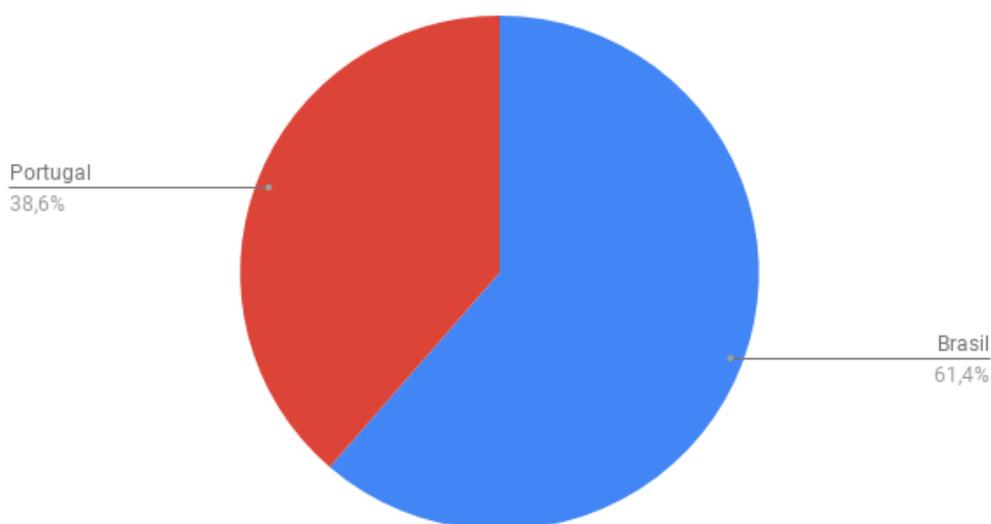


Figura 2.3: Gráfico representativo da porcentagem de autores selecionados dividido por país.

Período Literário dos Seleccionados

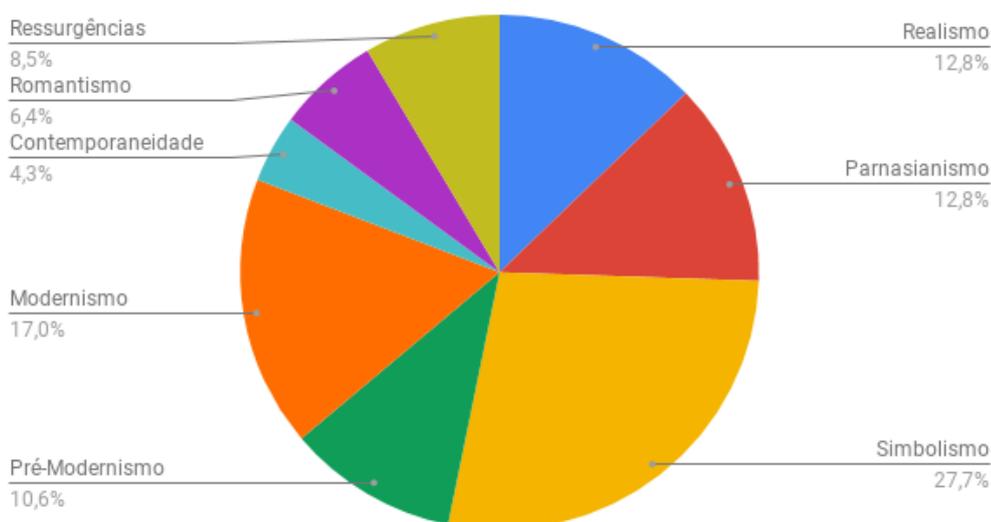


Figura 2.4: Gráfico representativo da porcentagem de autores selecionados dividido por período literário.

associada à Biblioteca Nacional do Brasil (localizada no Rio de Janeiro).

2.2 *Estudo dirigido de Análise Literária*

Para fins de análise, foi iniciado, primeiramente, um estudo dirigido da metodologia de análise de poesia e de narrativa. A bibliografia utilizada foi a que se segue:

- Antonio Candido, “Estudo analítico do poema” (Candido, 2006);
- Antonio Candido, “Na Sala de Aula” (Candido, 2001);
- Alfredo Bosi; “O Ser e o Tempo da poesia” (Bosi et al., 2000);
- Roland Barthes, “Análise estrutural da narrativa” (Barthes, 2008).

Neste primeiro momento, o estudo dirigido se deu principalmente na área de Análise Poética, uma vez que os primeiros autores a serem trabalhados foram majoritariamente poetas.

Antônio Cândido cita na introdução de sua obra “Estudo analítico do poema” os alcances para a determinação de uma metodologia de análise literária. Segundo ele, uma interpretação sistemática de uma obra poética não pode se prender exclusivamente à forma e nem ao conteúdo, bem como não deve se pautar nas percepções do leitor, apenas. Assim, “o estudo do texto importa em considerá-lo da maneira mais íntegra possível, como comunicação, mas ao mesmo tempo, e, sobretudo, como expressão” (Candido, 2006).

Tem-se, também, o comentário como fase inicial para a exegese literária e torna-se mais importante quanto mais a obra se distancia temporalmente do intérprete. Segundo Cândido, a análise consiste em duas partes, onde a primeira é o comentário, que consiste num levantamento de dados exteriores à emoção poética, sobretudo dados históricos e filológicos, e a segunda é a interpretação, que é o levantamento analítico de elementos internos do poema, decompondo o poema em elementos até suas últimas minúcias.

2.2.1 *Análise do poema A Ideia*

Como primeiro objeto de análise, foi escolhido o poema “A Ideia”, de Augusto dos Anjos, cujo verso de abertura foi adotado como título para o presente trabalho. O poema completo encontra-se no Apêndice B.

Adotado como um protótipo, o objetivo ao trabalhar com o poema era aplicar os conceitos aprendidos com o estudo dirigido de forma prática, já em um dos materiais selecionados dentro dos requisitos estabelecidos na linha metodológica. A análise feita foi apresentada como resultado parcial no Trabalho de Graduação I.

2.3 Subdivisão dos grupos de análise

Conforme foram selecionados os textos a serem trabalhados na análise, foi necessária a divisão em 3 subgrupos analíticos, de acordo com a temática dos textos encontrados. Como foram observadas menções a Astronomia de diferentes formas, as divisões foram feitas como se segue:

- Menção científica: Os trabalhos nesse subgrupo apresentam referência a Astronomia de um ponto de vista com entendimento e viés científico. Para facilitar a leitura, trataremos esse grupo como [MC].
- Menção empírica: Os trabalhos nesse subgrupo apresentam referência a Astronomia de um ponto de vista ingênuo, ou seja, sem necessariamente incluir uma bagagem teórica por trás. Para facilitar a leitura, trataremos esse grupo como [ME].
- Menção mística: Os trabalhos nesse subgrupo apresentam um viés sobrenatural e/ou místico em suas referências a Astronomia. Para facilitar a leitura, trataremos esse grupo como [MM].

Essas três subdivisões foram motivadas por uma necessidade de separar de alguma forma os tipos de discurso que são empregados nas diferentes referências do *corpus literário*. Em diversos excertos há a presença de sobreposições dessas configurações, como será mostrado a seguir.

2.3.1 Menção científica

Foram encaixados nessa categoria os excertos que apresentavam menção científica mais destacada, ou seja, uma referência mais purista. A exemplo disso tem-se o excerto da descrição dos hábitos de Policarpo Quaresma, protagonista do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto (Barreto, 2005).

(...) bem exatamente às quatro e quinze, como se fosse a aparição de um astro, um eclipse, enfim um fenômeno matematicamente determinado, previsto e predito.

Como será discutido, essa presença de cientificismo na Literatura é uma marca do período e faz parte das correntes filosóficas então vigentes.

2.3.2 *Menção empírica*

Foram encaixados nessa categoria os materiais que apresentavam uma abordagem com olhar ingênuo sobre fenômenos astronômicos, ou seja, uma abordagem sem a linguagem cientificista, mas que apresentava um conhecimento empírico não aprofundado, como o conhecimento de passagem do tempo e mudança de estações. A exemplo disso, temos os dois primeiros versos de um dos poemas de Fernando Pessoa sob o heterônimo de Alberto Caeiro (Pessoa, 2015):

Última estrela a desaparecer antes do dia,
Pouso no teu trémulo azular branco os meus olhos calmos

2.3.3 *Menção mística*

Neste tipo de menção foram encaixados materiais que apresentam associação de Astronomia com sentimentos ou com o sobrenatural. A exemplo do viés sentimental temos o excerto de Florbela Espanca (Espanca e Guedes, 1985):

Uma coisa, porém, vos direi no entanto...
Uma coisa onde o Sol anda a tecer canções...
É um desejo belo, é um desejo santo
Que ri a gargalhar em nossos corações.

E, como referência ao Sobrenatural, temos o trecho da obra *Regresso ao Paraíso* de Teixeira de Pascoaes (de Pascoaes e Coelho, 1973):

E o tenebroso espaço principia,
Enfim, a constelar-se...
E as estrelas aumentam de esplendor,
Conforme a sombra tórrida de Judas
Se aproxima da escura superfície
Da Terra prometida. (...)

Foi escolhido juntar esses dois aspectos na mesma categoria por trabalharem dentro do conceito de abstrato de forma similar.

2.4 Recorte analítico final

Para este Trabalho de Graduação, foi necessário, então, escolher um subgrupo para ser trabalhado de forma mais profunda. dentre estes, foi selecionado o subgrupo [MC], que carrega aspectos mais claros. Dentre as obras selecionadas, foram separados para uma análise mais aprofundada as obras listadas a seguir.

- Os dois primeiros capítulos de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, publicado em 1911 (Barreto, 2005);
- O conto *Como o “homem” chegou*, de Lima Barreto, publicado em 1915 como apêndice de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*. (Barreto, 2005);
- Poemas selecionados de *Eu*, de Augusto dos Anjos, publicado em 1912 (Anjos e Gullar, 1976).

O enfoque deste trabalho, então, voltou-se para a produção brasileira do período dentro deste recorte científico, tendo subdivisão na poesia e na prosa, tanto em forma de romance quanto em forma de conto.

Análise

3.1 *Poesia de Augusto dos Anjos*

A poesia de Augusto dos Anjos traz em suas características a presença de um cientificismo médico muito característico seu. Como descrito em Candido (1964), o lirismo de Augusto dos Anjos vem trazer a explosão final dos poetas científicos do fim do século XIX, uma manifestação caracterizada pelo anti-espiritualismo e pela negação do Romantismo. Candido os classifica como “românticos desencaixados”, com elementos que ainda remetem à paixão e à intensidade romântica, mas com esses aspectos de negação que os marcam nesse movimento dividido entre duas estéticas. Augusto dos Anjos vai trazer “a embriaguez da terminologia científica, a visão materialista da carne corrupta e as taras fisiológicas, (...) a derradeira manifestação daquele sentimento romântico da morte” (Candido, 1964).

Ao mesmo tempo em que a principal motivação para o estudo da poesia de Augusto dos Anjos é trazida neste trabalho pelo viés astronômico, em se tratando deste autor, não se pode ignorar a multiplicidade de referências científicas em suas construções. Com um linguajar especialmente carregado de termos médicos, que é a formação principal do autor, há também a presença de Física, Geologia, Meteorologia, Química, Filosofia e Teologia. Há a presença de uma construção dialética de misticismo através da ciência em vários de seus poemas, e isso fica mais claro em seus sonetos, o que remete a estrutura do silogismo¹ dos sonetos camonianos (Candido, 2006).

Dentro dos poemas selecionados, percebeu-se que alguns deles apresentavam reaparecimento de temáticas, como ciclos evolutivos com aspectos similares. Esses poemas, então,

¹ *Silogismo* é o raciocínio dedutivo citado por Aristóteles estruturado formalmente a partir de duas premissas das quais se obtém por inferência uma terceira.

foram divididos em núcleos, que serão explanados a seguir, e os poemas sem conexão dentro dessa lógica foram colocados na subdivisão de “Poemas Avulsos”. Cada um destes ciclos está, todavia, intrinsecamente ligado a cada um dos outros, formando conjuntos em que cada aspecto é avaliado por partes. Enquanto no “Ciclo da Ideia” temos a explanação da ontogênese da Ideia, no “Ciclo do Visionário”, temos o desenvolvimento do cientista, como em paralelo. Nos “Poemas Avulsos”, por sua vez, temos uma abertura da temática sob outros vieses.

3.1.1 Ciclo da Ideia

O que, neste trabalho, definimos como “Ciclo da Ideia” consiste na análise conjunta dos conceitos explanados nos poemas *A Ideia*, *As Cismas do Destino*, *O Martírio do Artista*, *O último número*, *Anseio* e *A Dança da Psiquê*. Em todos os poemas enumerados há o reaparecimento da palavra Ideia com a primeira letra em maiúsculo, e nesses poemas está presente uma composição dialética semelhante à que foi construída no poema homônimo, que foi foco de análise aprofundada da primeira metade deste Trabalho de Graduação e cujos resultados principais foram incorporados nessa análise.

Nesse ciclo, a começar pelo poema de abertura, Augusto dos Anjos faz uma descrição de toda a gênese da Ideia, ou seja, do pensamento não consciente do ser humano. Dentro dessa descrição, ele se utiliza constantemente da ambivalência do físico e do metafísico, do anatômico e do astronômico, como dualidades representativas dos conceitos de material e imaterial presentes na consciência. Essa duplicidade se faz presente dentro da utilização de antíteses, que, por sua vez, alternam-se dentro de processos dialéticos muito característicos dentro da estrutura de soneto.

Augusto dos Anjos traz em *A Ideia* um soneto com diversas nuances, que trazem características presentes em toda a sua obra, como seu niilismo e seu cientificismo, bem como sua forte crença – herdada das leituras de Spencer e Schopenhauer – de que a Ciência é incapaz de penetrar a essência das coisas e a realidade absoluta que é a fonte absoluta do conhecimento humano (Anjos e Gullar, 1976).

De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites duma gruta?!

Do ponto de vista astronômico, é interessante ressaltar que no período de publicação de *Eu*, em 1912, o Grande Debate de Shapley e Curtis sobre o tamanho do Universo ainda não havia sido realizado e a existência de múltiplas galáxias só seria assertivamente afirmada por Edwin Hubble em 1925 (Mo et al., 2010). A menção a “nebulosas” no texto de Augusto dos Anjos, então, carrega uma pluralidade de objetos astronômicos aos quais o termo poderia se referir, o que o torna ainda mais abrangente.

Dos poemas colocados neste núcleo, o mais extenso é *As Cismas do Destino*. Nele, por diversas vezes, não é simples trazer uma divisão entre os tipos de menção. As principais sobreposições ocorrem em [MC] e [MM]. Como, por exemplo, no trecho:

As radiantes elipses que as estrelas
Traçam, e ao espectador falsas se antolham
São verdades de luz que os homens olham
Sem poder, no entanto, compreendê-las.

Nesta passagem é explorada a 1ª Lei de Kepler, a Lei das Elipses. Porém, a presença da física kepleriana não é apresentada de forma descritiva, mas sim personificada – o olhar do eu-lírico impõe sobre as ditas estrelas um sentimento de inverdade e de incompreensão, o que traça um perfil não dos objetos mencionados, mas do ponto de vista do observador. Quem apresentaria incompreensão e inverdade, neste caso, seria o eu-lírico, e, por extensão, a humanidade a quem ele se refere.

Nos poemas subsequentes há a continuidade dessa lógica de estrelas e luzes que orbitam o pensamento, mantendo, como no poema de abertura, a associação celeste do pensamento e das Ideias humanas. Esse ciclo começa a se fechar em *O último número*, quando há as primeiras sugestões da morte da Ideia.

Hora da minha morte. Hirta, ao meu lado,
A Ideia estertorava-se... No fundo
Do meu entendimento moribundo
Jazia o Último Número cansado.

E este ciclo é fechado com o poema *A Dança da Psiquê*, em que há a retomada do tema, inclusive com menções similares a um refrão entoado no terceto final do poema.

Arranco do meu crânio as nebulosas.
E acho um feixe de forças prodigiosas
Sustentando dois monstros: a alma e o instinto!

A repetição não apenas da metáfora das nebulosas, mas também da estrutura de rimas, sugere que, com esse terceto final, há, enfim, um fechamento deste ciclo, encerrando, por fim, a queda celeste da Ideia.

3.1.2 *Ciclo do Visionário*

O que é referido como o Ciclo do Visionário pode ser descrito como um ciclo de formação da imagem do cientista. Composto pelos poemas *Idealização da Humanidade Futura*, *Solilóquio de um Visionário*, *Noite de um Visionário* e *Viagem de um Vencido*, esta série de poemas ainda mantém a referenciação a objetos celestes que caem do céu, porém encaixa de uma forma diferente ao Ciclo da Ideia – ao invés de termos uma Ideia como uma energia que por si só apresenta vontades, iniciativas e forças, no Ciclo do Visionário nós olhamos para o ser que é o receptor desta Ideia, ou seja, o cientista. No segundo quarteto de *Idealização da Humanidade Futura*, temos:

Não sei que livro, em letras garrafais
Meus olhos liam! No húmus dos monturos,
Realizavam-se os partos mais obscuros,
Dentre as genealogias animais!

Mantendo a característica principal de Augusto dos Anjos que é trazer a Ciência principalmente pelo viés da Medicina, o autor segue falando nas estrofes subsequentes sobre a “luz que os céus inflama”, referenciando a metáfora para a Ideia como um cometa, tal qual é estabelecido no Ciclo da Ideia. Além disso, ao mencionar os olhos que leem o livro, há, novamente, uma referenciação ao próprio sujeito da ação, que é o dono do olhar. Esse olhar carregado de uma iluminação sobrenatural desponta especialmente nos dois últimos tercetos de *Solilóquio de um Visionário*:

Vestido de hidrogênio incandescente,
Vaguei um século, improficuamente,
Pelas monotonias siderais...

Subi, talvez às máximas alturas,
Mas, se hoje volto assim, com a alma às escuras,
É necessário que inda eu suba mais!

Nesse trecho, há sobreposição da ciência com a metafísica do ser, quando se associa a Astrofísica da produção de energia no interior de uma estrela com a consciência do eu-lírico. Mais que isso, metaforicamente tem-se uma sugestão de que o eu-lírico debruçou-se sobre a temática astronômica por bastante tempo, e “é necessário que inda suba mais”, ou seja, que avance mais no estudo aprofundado da ciência. E, em seguida, em *Noite de um Visionário* temos esse caráter intelectual mais aprofundado e relacionado com um tormento da consciência do cientista. Isso se destaca especialmente nos dois quartetos que seguem:

Depois de dezesseis anos de estudo
Generalizações grandes e ousadas
Traziam minhas forças concentradas
Na compreensão monística de tudo.
(...)
Arimânico gênio destrutivo
Desconjuntava minha autônoma alma
Esbandalhando essa unidade calma,
Que forma a coerência do ser vivo.

Na primeira estrofe temos uma referência clara a um cientista devotado a estudar a unidade da Ciência, o que é mais fortemente esclarecido ao ser feita uma referência à filosofia monística, que trata-se de uma noção metafísica de unidade do todo, espiritual e material. Quando na estrofe seguinte temos a manifestação da perturbação dessa consciência genial, na referência a Arimã, deus da destruição no Zoroastrismo, podemos perceber não apenas o cientista amaldiçoando o próprio gênio que o perturba, mas também uma conexão com as ideias trazidas na obra *Assim falou Zaratustra*, do filósofo Friedrich Nietzsche, que é repleto de referências à mesma doutrina. Na obra do filósofo alemão, temos a sugestão do conceito de um super-Homem (*Übermensch*) que surge da desconexão do ser humano com seus semelhantes, reafirmando valores imutáveis da Natureza para a manutenção da identidade frente ao caos do mundo, mesmo que isso não seja bem visto pela sociedade. Esse conceito pode ser ampliado para observarmos do que se trata o Visionário – um misantropo, materialista e, agora, atormentado por suas crenças pessoais. E o lamento final do tormento da consciência vai aparecer com mais força no último poema desse ciclo, *Viagem de um Vencido*.

Agora, astro decrépito, em destroços,
 Eu, desgraçadamente magro, a erguer-me,
 Tinha necessidade de esconder-me
 Longe da espécie humana, com os meus ossos!

Restava apenas na minha alma bruta
 Onde frutificara outrora o Amor
 Uma volicional fome interior
 De renúncia budística absoluta!

Porque, naquela noite de ânsia e inferno,
 Eu fora, alheio ao mundanário ruído,
 A maior expressão do homem vencido
 Diante da sombra do Mistério Eterno!

Nos três tercetos finais desse poema, o ciclo do Visionário se fecha com as palavras de desespero do eu-lírico, que se deixa tragar pela infinitude do conhecimento humano. No início do antepenúltimo quarteto, temos a expressão de um “astro decrépito”, que pode ser uma referência ao uso de nebulosas e de cometas na caracterização do conceito da Ideia.

3.1.3 Poemas Avulsos

Nos poemas aqui colocados como “avulsos”, temos uma repetição da temática de unificação que Augusto dos Anjos aborda tão frequentemente nos dois Ciclos. Dentro desta categoria foram colocados os poemas *Apocalipse*, *Numa Forja*, *Caput Immortale* e *Louvor à unidade*.

Nestes poemas, em especial, é fácil observar como o autor trabalha com oposições entre sobrenatural e científico. Essa sobreposição fica visível em um dos quartetos de *Numa Forja*, em que é dito:

Era um cosmos inteiro sofredor,
 Cujó negror profundo
 Astro nenhum exorna
 Gritando na bigorna

É, também, estabelecido um contraponto entre uma universalidade existente ao mesmo tempo em que é da natureza humana se contrapor com seu próprio individualismo. Tal é o exemplo dado no poema *Apocalipse*:

São despedaçamentos, derrubadas
Federações sidéricas quebradas...

A temática de universalismo é ecoada por diversas vezes na obra de Augusto dos Anjos, que traz essa forte crença na filosofia monística como base para muitos de seus poemas. A Astronomia é utilizada não apenas como objeto de atenção da poesia, mas como uma lente pela qual o autor vislumbra e constrói uma realidade para seu eu-lírico.

3.2 Prosa de Lima Barreto

Lima Barreto apresenta um estilo muito diferente de Augusto dos Anjos. Enquanto este tem um enfoque nas questões metafísicas e na caracterização científica do Universo e das emoções do ser humano, o outro traz uma prosa com uma temática muito mais sociopolítica, o que já aponta para sua formação em Direito. Isto não desqualifica, todavia, a presença da temática astronômica em seu texto. De acordo com Candido et al. (1987), Lima Barreto nos traz uma Literatura voltada para as questões sociais e que gravita as questões principais da existência humana – uma Literatura que é libertadora.

Nesta análise, o enfoque se dará à construção do personagem Policarpo Quaresma ao longo dos dois primeiros capítulos do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, publicado em 1911 (Barreto, 2005), e no enredo do conto *Como o “homem” chegou*, publicado em um apêndice de uma edição de 1915 do romance mencionado (Barreto, 2005). A ênfase, então, é diferente do que foi apresentado para Augusto dos Anjos, que tinha um enfoque maior em estrutura textual, pois será necessário avaliar os personagens dentro dos contextos narrativos e históricos.

Em *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto nos confronta com um personagem já desde a primeira menção, muito pouco convencional. A Astronomia é usada, nos dois primeiros capítulos do livro, não para tornar-se um objeto temático principal, mas para descrever ambientes, tempos e personagens, forma de descrição que torna-se mais evidente no personagem de Policarpo Quaresma. Ele é preciso como um evento astronômico, e isso se mostra não apenas em seus hábitos, mas também em sua postura para com o mundo e para com a sociedade como um todo. Lima Barreto se utiliza, ainda, dessa caracterização de Policarpo Quaresma para mostrar os vícios e as incongruências da sociedade local, que ele caracteriza como uma “Aristocracia do Subúrbio”.

Policarpo é um patriota fervoroso que é caracterizado com uma roupagem que o qualifica para a figura do “louco”. Uma questão recorrente na literatura do fim do século XIX é essa construção do cientista como um Visionário, tal como na poesia de Augusto dos Anjos, mas com aspectos de loucura. Isso vai aparecer com muita veemência em *O médico e o monstro*, de R. L. Stevenson, publicado em 1886, e, ainda na obra de Lima Barreto, temos essa presença no conto *Como o “homem” chegou*. Essa visão do início da Ficção Científica vai trazer um padrão sobre a forma como muitas construções serão feitas nas manifestações artísticas subsequentes.

Em *Como o “homem” chegou*, essa visão do cientista louco fica mais visível pois o seu enredo segue essa linha de raciocínio de forma muito explícita. O conto narra a história de Fernando, um astrônomo que é considerado louco. Descrito como misantropo, apesar de moral e correto, seu maior crime, aparentemente, é não adequar-se completamente ao que lhe é esperado e estar sempre muito envolvido com questões astronômicas. Sua personalidade é colocada em contraponto a outro cientista, Barrado, que deseja entrar na Sociedade Astronômica, mas não sabe como, e recorre a acordos políticos e a bajulação para tanto. Fernando, então, é colocado num carro blindado para ser levado a um manicômio e o restante da narrativa discorre sobre o trajeto feito por Barrado.

Além de questões de trato social, esse conto de Lima Barreto traz com riqueza de detalhes questões sobre nepotismo e burocracia. Ao colocar um astrônomo que é levado ao manicômio – e que, ao fim do conto, nem chega com vida ao destino – por não aceitar a autoridade da mesma forma que os outros, temos um sintoma desse comportamento de desvalorização do cientista que é muito recorrente na nossa sociedade atual, além de mostrar os grandes riscos que o grande poder político pode trazer.

Conclusão e Perspectivas

Ao longo do desenvolvimento deste projeto, foram realizadas atividades com o objetivo de determinar o impacto da passagem do Cometa Halley na literatura do século XX. Em um primeiro momento, objetivava-se trabalhar com os anos 1910 e 1986 e, assim, traçar um paralelo não apenas geográfico (considerando Brasil e Portugal), mas também temporal. Conforme foi-se desenvolvendo a pesquisa, fez-se necessário restringir o escopo, de modo a adequar a um projeto de um ano, apenas.

Ao trabalhar tanto Augusto dos Anjos quanto Lima Barreto foi possível observar as relações entre dois autores tão distintos, mas que apresentam marcas visíveis do cientificismo da época, cada um à sua maneira.

Ao longo dos poemas de Augusto dos Anjos há uma repetição da temática monística e a referenciação à teoria de Spencer, ou seja, temos uma recorrente defesa desse Universo uno e conectado. Mesmo nos poemas com enfoque no sobrenatural, a referenciação ocorre de modo a criar uma unidade do ser vivente (e do eu-lírico, em especial) com o Universo. Mesmo o que é sobrenatural dentro da poesia de Augusto dos Anjos é difuso - ele traz uma linguagem mística que transforma o Universo e aspectos da Física em deidades a serem cultuadas, de certa forma, o que reforça não apenas a filosofia monística que é mencionada tantas vezes, mas é, também, um eco da defesa de um modelo individualista reminiscente do período romântico.

Lima Barreto, por sua vez, traz uma prosa muito mais assertiva nas ideias que deseja defender, muitas vezes o cientificismo sendo apenas uma camada do que deseja ser comunicado. Seu enfoque volta-se principalmente para questões sociais e para a miséria humana, que inclui não apenas as idiossincrasias de grupos específicos, mas também como isso pode ser observado de um ponto de vista mais amplo. Em sua prosa, o narrador opinativo e os

personagens caricaturescos concorrem para construir uma pintura do que seria a sociedade no início do século XX – e como isso ainda reflete de diversas formas na sociedade atual.

Tendo em vista o contexto filosófico, social e científico do período, afirmar entusiasticamente que a presença de temática científica nos textos analisados se deve à passagem do Cometa Halley não é possível neste momento. Da mesma forma que a historicidade traz impactos marcantes para a análise literária, a História da Ciência e da Filosofia trazem impactos marcantes para a recepção de determinados eventos. A Arte, a despeito da ausência de um caráter quantitativo em seu desenvolvimento, também trata-se de uma leitura de mundo passível de ser feita, especialmente em um período como o início do século XX, em que não havia uma distinção muito determinada entre as Ciências desenvolvidas.

As perspectivas para este projeto são de continuidade numa possível pós-graduação ampliando a análise com mais detalhe para outros autores, de modo a avaliar como é feita a construção de realidade com um imaginário científico dentro da Literatura neste prolífico período da virada do século.

Referências Bibliográficas

- Anjos A., Gullar F., *Toda a Poesia: Augusto dos Anjos ou Vida e Morte Nordestina*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1976
- Barreto A. H. d. L., *Contos Reunidos (Contos, 1915; Histórias e Sonhos; Contos Recolhidos, 1949; Outros Contos Recolhidos, 1951)*. Belo Horizonte: Crisálida, 2005
- Barreto A. H. d. L., *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: DCL, 2005
- Barthes R., *Análise estrutural da narrativa*. Vozes, 2008
- Bosi A., *História concisa da literatura brasileira*. Cultrix, 1994
- Bosi A., de Freitas Moreira B., Alvares A., Cury I., *O ser e o tempo da poesia*. Companhia das Letras, 2000
- Candido A., *Formação da literatura brasileira*. Martins São Paulo, 1964
- Candido A., *Na sala de aula: caderno de análise literária. Série Fundamentos*, Editora Ática, 2001
- Candido A., *O estudo analítico do poema*. Associação Editorial Humanitas, 2006
- Candido A., et al., *A educação pela noite e outros ensaios*. Ática São Paulo, 1987
- de Pascoaes T., Coelho J. P., *Obras completas de Teixeira de Pascoaes: Poesia, Volume IV. Obras completas de Teixeira de Pascoaes: Introdução e aparato crítico por Jacinto do Prado Coelho*, Livraria Bertrand, 1973
- Duarte Neto H., *A recepção crítica à obra de Augusto dos Anjos*, Anuário de Literatura UFSC, 1997

Espanca F., Guedes R., Obras completas: Poesia 1903-1917. No. v. 1, Dom Quixote, 1985

Lancaster-Brown P., Halley & His Comet. [S.l.]: Blandford Press, 1985

Mo H., Van den Bosch F., White S., Galaxy formation and evolution. Cambridge University Press, 2010

Oliveira Filho K. S., Saraiva M. F. O., Astronomia & Astrofísica. 2ª Edição. São Paulo: Livraria da Física, 2004

Pessoa F., Poesia completa de Alberto Caeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

Ribeiro D., O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. Darcy Ribeiro, Global Editora, 1995

Saraiva A., Lopes Ó., História da literatura portuguesa. Porto Editora, 1996

Apêndice

Apêndice A

Lista de Autores

A.1 *Lista de Autores Vivos em 1910*

Esta tabela foi construída tendo como base a pesquisa bibliográfica em Bosi (1994) e Saraiva e Lopes (1996). A listagem está feita seguindo a progressão de períodos literários adotada em cada um dos livros.

Tabela A.1 - Tabela com a lista completa de autores vivos em 1910 conforme a pesquisa bibliográfica.

Autor	Nascimento	Morte	País
Herculano Marcos Inglês de Sousa	1853	1918	Brasil
Coelho Neto	1864	1934	Brasil
Afrânio Peixoto	1876	1947	Brasil
Xavier Marques	1861	1942	Brasil
Valdomiro Silveira	1873	1941	Brasil
Simões Lopes Neto	1865	1916	Brasil
Hugo de Carvalho Ramos	1895	1921	Brasil
Afonso Arinos de Melo Franco	1868	1916	Brasil
Alcides Castilhos Maia	1878	1944	Brasil
Monteiro Lobato	1882	1948	Brasil
Alberto de Oliveira	1857	1937	Brasil
Raimundo Correia	1859	1911	Brasil
Olavo Bilac	1865	1918	Brasil
Augusto de Lima	1859	1934	Brasil
Fontoura Xavier	1856	1922	Brasil

Múcio Teixeira	1857	1928	Brasil
Francisca Júlia	1874	1920	Brasil
Vicente de Carvalho	1866	1924	Brasil
Raul de Leoni	1895	1926	Brasil
Capistrano de Abreu	1853	1927	Brasil
Sílvio Romero	1851	1914	Brasil
Araripe Jr.	1848	1911	Brasil
José Veríssimo	1857	1916	Brasil
Rui Barbosa	1849	1923	Brasil
Medeiros e Albuquerque	1867	1934	Brasil
Wenceslau de Queirós	1865	1921	Brasil
Alphonsus de Guimaraens	1870	1921	Brasil
Emiliano David Pernetá	1866	1921	Brasil
Eduardo Guimaraens	1892	1928	Brasil
Jacques d'Avray (Freitas Vale)	1870	1958	Brasil
Adolfo Araújo	1873	1915	Brasil
Júlio César da Silva	1872	1936	Brasil
Batista Cepelos	1872	1915	Brasil
Pethion de Vilar	1870	1924	Brasil
Pedro Kilkerry	1885	1917	Brasil
Durval de Moraes	1882	1948	Brasil
Galdino de Castro	1882	1939	Brasil
Artur de Sales	1879	1952	Brasil
Álvaro de Reis	1880	1932	Brasil
Maranhão Sobrinho	1879	1915	Brasil
Xavier de Carvalho	1871	1944	Brasil
Henrique Castriciano	1874	1947	Brasil
Flexa Ribeiro	1883	?	Brasil
Mário Pederneiras	1868	1915	Brasil
Augusto dos Anjos	1884	1914	Brasil
Nestor Vítor	1868	1932	Brasil

Lima Campos			Brasil
Gonzaga Duque	1863	1911	Brasil
Rocha Pombo	1857	1933	Brasil
Raimundo de Farias Brito	1862	1917	Brasil
Jackson de Figueiredo	1891	1928	Brasil
Alberto Tôrres	1865	1917	Brasil
Manuel Bonfim	1868	1932	Brasil
Oliveira Viana	1883	1951	Brasil
João Ribeiro	1860	1934	Brasil
Lima Barreto	1881	1922	Brasil
Graça Aranha	1868	1931	Brasil
Mário de Andrade	1893	1945	Brasil
Oswald de Andrade	1890	1954	Brasil
Manuel Bandeira	1886	1968	Brasil
Cassiano Ricardo	1895	1974	Brasil
Menotti del Picchia	1892	1988	Brasil
Guilherme de Almeida	1890	1969	Brasil
Paulo Prado	1869	1943	Brasil
José Américo de Almeida	1887	1980	Brasil
Graciliano Ramos	1892	1953	Brasil
José Duarte Ramalho Ortigão	1836	1915	Portugal
Teófilo Braga	1843	1924	Portugal
Antônio José da Silva Pinto	1848	1911	Portugal
Sampaio Bruno	1857	1915	Portugal
Júlio de Matos	1856	1922	Portugal
Pedro de Amorim Viana	1823	1910	Portugal
Abel Botelho	1856	1911	Portugal
Teixeira de Queirós	1849	1919	Portugal
Fialho de Almeida	1857	1911	Portugal
Alberto Braga	1851	1911	Portugal
Guerra Junqueiro	1850	1923	Portugal

Antônio Feijó	1862	1917	Portugal
Manuel Duarte de Almeida	1844	1914	Portugal
Macedo Papança (Conde de Monsaraz)	1852	1913	Portugal
Paulino de Oliveira	1864	1914	Portugal
Cândido Guerreiro	1871	1953	Portugal
Antônio Duarte Gomes Leal	1848	1921	Portugal
Henrique Lopes de Mendonça	1856	1931	Portugal
Marcelino Mesquita	1856	1919	Portugal
Júlio Dantas	1876	1962	Portugal
Carlos Malheiro Dias	1875	1941	Portugal
Conde de Sabugosa	1854	1923	Portugal
Antero de Figueiredo	1866	1953	Portugal
Rui Chianca	1891	1931	Portugal
Jaime Cortesão	1884	1960	Portugal
Alberto de Oliveira	1873	1940	Portugal
Afonso Lopes Vieira	1878	1947	Portugal
Lúcio de Azevedo	1855	1933	Portugal
Fortunato de Almeida	1859	1933	Portugal
Fidelino Figueiredo	1888	1967	Portugal
Alfredo Pimenta	1882	1950	Portugal
Caetano Beirão	1892	1968	Portugal
Antônio Sardinha	1888	1925	Portugal
Hipólito Raposo	1885	1928	Portugal
Alberto de Monsaraz	1889	1959	Portugal
Luís Almeida Braga	1890	1970	Portugal
Teixeira de Pascoais	1877	1952	Portugal
Eugênio de Castro	1869	1944	Portugal
Manuel da Silva Gaio	1861	1934	Portugal
Bernardo de Passos	1876	1930	Portugal
Fausto Guedes Teixeira	1871	1940	Portugal
Queirós Ribeiro	1860	1928	Portugal

Joaquim Nunes Claro	1878	1949	Portugal
Florabela Espanca	1895	1930	Portugal
Carlos Mesquita	1871	1923	Portugal
Roberto Mesquita	1871	1923	Portugal
João Lúcio	1880	1918	Portugal
Henrique de Vasconcelos	1876	1924	Portugal
Augusto Gil	1873	1929	Portugal
Alberto Osório de Castro	1868	1946	Portugal
Venceslau de Moraes	1854	1929	Portugal
Camilo Pessanha	1867	1926	Portugal
Antônio Patrício	1878	1930	Portugal
Raul Brandão	1867	1930	Portugal
Manuel de Laranjeira	1877	1912	Portugal
Antônio de Sérgio	1883	1968	Portugal
Jaime Cortesão	1884	1960	Portugal
Raul Proença	1884	1941	Portugal
Câmara Reis	1885	1961	Portugal
Manuel Teixeira Gomes	1860	1942	Portugal
Aquilino Ribeiro	1885	1963	Portugal
Mário de Sá Carneiro	1890	1915	Portugal
Ângelo de Lima	1872	1921	Portugal
Raul Leal	1886	1964	Portugal
Mário Saa	1894	1971	Portugal
Almada-Negreiros	1893	1970	Portugal
Fernando Pessoa	1888	1935	Portugal
João Grave	1872	1934	Portugal
Albino Forjaz de Sampaio	1884	1949	Portugal
Manuel de Brito Camacho	1862	1934	Portugal
Manuel Ribeiro	1878	1941	Portugal
Samuel Maia	1874	1951	Portugal
Abílio de Campos Monteiro	1876	1934	Portugal

João Pina de Moraes	1885	1953	Portugal
Florência Terra	1859	1941	Portugal
Norberto de Araújo	1884	1949	Portugal
Joaquim Leitão	1875	1956	Portugal
Augusto de Castro	1883	1971	Portugal
Urbano Rodrigues	1888	1971	Portugal
Justino de Montalvão	1875	1956	Portugal
Sousa Costa	1879	1961	Portugal
Assis Esperança	1872	1975	Portugal
Irene Lisboa (João Falco)	1892	1958	Portugal
Maria Amália Vaz de Carvalho	1842	1921	Portugal
Ana de Castro Osório	1872	1935	Portugal
Angelina Vidal	1853	1917	Portugal
Marta Mesquita de Câmara	1894	1960	Portugal
Maria Lamas	1893	1983	Portugal

A.2 Lista de Autores Selecionados

Esta tabela foi construída tendo como base a pesquisa bibliográfica em Bosi (1994) e Saraiva e Lopes (1996), com a seleção específica dos autores mais conhecidos e com mais material disponível. A listagem está feita seguindo a progressão de períodos literários adotada em cada um dos livros.

Tabela A.2 - Tabela com a lista de autores selecionados para pesquisa bibliográfica.

Autor	Nascimento	Morte	País
Inglês de Sousa	1853	1918	Brasil
Coelho Neto	1864	1934	Brasil
Afrânio Peixoto	1876	1947	Brasil
Simões Lopes Neto	1864	1916	Brasil
Afonso Arinos de Melo Franco	1868	1916	Brasil
Monteiro Lobato	1882	1948	Brasil

Alberto de Oliveira	1857	1937	Brasil
Raimundo Correia	1859	1911	Brasil
Olavo Bilac	1865	1918	Brasil
Francisca Júlia	1874	1920	Brasil
Alphonsus de Guimaraens	1870	1921	Brasil
Pedro Kilkerry	1885	1917	Brasil
Mário Pederneiras	1868	1915	Brasil
Augusto dos Anjos	1884	1914	Brasil
Manuel Bonfim	1868	1932	Brasil
Oliveira Viana	1883	1951	Brasil
João Ribeiro	1860	1934	Brasil
Lima Barreto	1881	1922	Brasil
Graça Aranha	1868	1931	Brasil
Mário de Andrade	1893	1945	Brasil
Oswald de Andrade	1890	1954	Brasil
Manuel Bandeira	1886	1968	Brasil
Cassiano Ricardo	1895	1974	Brasil
Guilherme de Almeida	1890	1969	Brasil
José Américo de Almeida	1887	1980	Brasil
Graciliano Ramos	1892	1953	Brasil
José Duarte Ramalho Ortigão	1836	1915	Portugal
Teixeira de Queirós	1849	1919	Portugal
Fialho de Almeida	1857	1911	Portugal
Guerra Junqueiro	1850	1923	Portugal
Antônio Duarte Gomes Leal	1848	1921	Portugal
Júlio Dantas	1876	1962	Portugal
Alberto de Oliveira	1873	1940	Portugal
Fidelino Figueiredo	1888	1967	Portugal
Teixeira de Pascoais	1877	1952	Portugal
Eugênio de Castro	1869	1944	Portugal
Florbela Espanca	1895	1930	Portugal

Camilo Pessanha	1867	1926	Portugal
Raul Brandão	1867	1930	Portugal
Jaime Cortesão	1884	1960	Portugal
Mário de Sá Carneiro	1890	1915	Portugal
Almada-Negreiros	1893	1970	Portugal

Poema

A Ideia

De onde ela vem?! De que matéria bruta
Vem essa luz que sobre as nebulosas
Cai de incógnitas criptas misteriosas
Como as estalactites numa gruta?!

Vem da psicogenética e alta luta
Do feixe de moléculas nervosas,
Que, em desintegrações maravilhosas,
Delibera, e depois, quer e executa!

Vem do encéfalo absconso que a constribe,
Chega em seguida às cordas da laringe,
Tísica, tênue, mínima, raquítica. . .

Quebra a força centrípeta que a amarra,
Mas, de repente, e quase morta, esbarra
No molambo da língua paralítica!